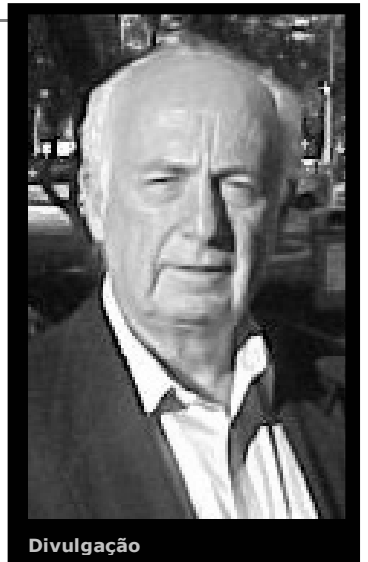


## Luiz Carlos BRESSER-PEREIRA



Divulgação

**Luiz Carlos Bresser-Pereira nasceu em São Paulo, em 1934. cursou a Faculdade de Direito da USP. É mestre em administração de empresas pela Michigan State University, doutor e livre-docente em economia pela Universidade de São Paulo. Trabalhou sempre como professor universitário, foi por 20 anos executivo de uma grande empresa, e ocupou diversos cargos públicos, inclusive a chefia de três ministérios do Estado brasileiro. Intellectualmente, atuou na confluência da economia e da teoria social, utilizando um instrumental em que estão presentes as influências de Marx, Weber, Keynes e do estruturalismo latino-americano. Na entrevista que segue, o professor Bresser-Pereira fala-nos sobre Brasil, administração pública e política internacional.**

**A inovação e a revitalização da administração pública tem sido uma matéria a que o Sr. tem se dedicado de corpo e alma por várias décadas. Como essa área tem avançado em seu próprio país, o Brasil?**

Houve três grandes reformas na história da administração pública brasileira. Uma é a reforma burocrática de Vargas, com a criação do DASP, em 1936-1938. Depois, há uma segunda reforma intermediária – a reforma do decreto-lei n.º 200, de 1967, quando [Humberto de Alencar] Castello Branco foi presidente, e que foi também bastante importante. E, ainda, embora eu seja suspeito para falar, a reforma gerencial do Estado em 1995-1998, que eu liderei. Essa reforma continua sendo executada – muito lentamente, nos últimos tempos – mas, no nível dos estados da federação (São Paulo, Minas Gerais, Ceará...), as idéias básicas dessa reforma estão sendo aplicadas ativamente.

**O Estado vem se reinventando no Brasil?**

A reforma da gestão pública [concebida por Bresser-Pereira] segue os princípios da reinvenção do governo, que era uma das idéias básicas do governo Clinton, e segue também as idéias da nova administração pública, mas, no caso do Brasil e de nossa reforma, com um caráter fortemente social-democrático. Quero dizer: não se trata de importar idéias alheias, mas de desenvolver as idéias de acordo com nossas próprias realidades.

**A ONU vai completar 60 anos de existência, prometendo fazer uma reforma em sua administração. Como vê esse desafio – considerando que a ONU é uma organização mundial, global, complexa, contando hoje com cerca de 50 mil funcionários?**

Eu entendo que as Nações Unidas são a cabeça de um sistema político global. Não se trata de um Estado, obviamente, mas é mais do que a simples globalização. A globalização é econômica, social, cultural... Além disso, existe todo um conjunto de acordos, de tratados, de resoluções entre os países – a partir da Declaração dos Direitos do Homem de 1948 –, e tudo isso é encabeçado pela ONU. De forma que os países hoje já têm normas a seguir que a ONU fundamentalmente válida, legítima. A ONU não é uma organização que tenha muito poder de implementação, mas ela tem um enorme poder moral. O poder moral de definir valores e normas, quando eles são acordados entre as nações. Eu acho que o papel da ONU é cada vez maior, e será cada vez maior no futuro.

***"A ONU não é uma organização que tenha muito poder de implementação, mas ela tem um enorme poder moral. O poder moral de definir valores e normas, quando eles são acordados entre as nações. Eu acho que o papel da ONU é cada vez maior, e será cada vez maior no futuro."***

**Uma das reformas mais importantes na nova ONU seria a reestruturação do Conselho de Segurança, num momento histórico de luta contra o terrorismo e também de posições unilaterais. Qual a sua posição sobre esse tema?**

O Brasil vem defendendo essa reforma porque entende que o Conselho de Segurança da ONU precisa ser ampliado. Agora, o secretário-geral da ONU endossou essas idéias e propõe que haja essa ampliação. Dentro dela, naturalmente, um dos países que será incluído é o Brasil – outro será a Índia; outro, o Japão; outro, a Alemanha. São os candidatos naturais. Depois, deve ingressar mais um, ou dois. Será muito bom que isso aconteça. Agora, o que é sempre importante entender é que a ONU, por exemplo, teve um grande papel na [recente] Guerra do Iraque. E por quê? Porque a ONU não concordou com a intervenção, não autorizou a intervenção. Já no caso da intervenção no Afeganistão, a ONU concordou, porque era razoável, e porque realmente havia ali o apoio a grupos terroristas. E é evidente que a intervenção no Afeganistão foi muito mais bem-sucedida do que aquela no Iraque – em grande parte, por causa disso: uma teve e a outra não teve a aprovação da ONU.

**Uma das maiores inquietações que vivemos hoje diz respeito ao futuro da ONU pós-Guerra no Iraque. O que o Sr. pensa a respeito?**

Num *paper* escrito em 2002, após o 11 de setembro, argumentei que, desde o fim da Guerra Fria, vivemos em um sistema global. E que, nesse tipo de sistema, nenhuma guerra seria legítima senão a “guerra de polícia”, ou seja, aquela que visa a pôr ordem nos conflitos dentro do sistema. Guerras de grandes países, ou guerra de invasão de um país sobre outro, isso não fazia mais sentido... Aí veio a II Guerra do Iraque. E quando essa guerra começou, eu escrevi um segundo *paper*, chamado “O Gigante Fora do Tempo”. Nesse segundo *paper*, eu dizia que, de duas, uma: ou a teoria que eu havia desenvolvido no *paper* anterior era falsa, e a invasão anglo-americana ao Iraque seria bem-sucedida; ou eu estava correto, pois, ainda que os EUA – obviamente – “ganhassem” a guerra, eles sairiam do conflito mais fracos, com menos autoridade moral, menos respeito na comunidade internacional do que quando entraram. E foi exatamente isso [a segunda hipótese] que aconteceu. Confirmou-se a idéia de que vivemos em um sistema global e que esse sistema global tem normas a serem respeitadas.

**Como decifrar melhor o binômio “ordem política mundial” e “ordem econômica mundial”? Esses conceitos estão se modificando?**

O mundo é cada vez mais ordeiro. Ainda que tenhamos o problema do terrorismo, que é preocupante, temos muito mais democracias hoje do que tínhamos no passado. Temos um sistema global muito mais integrado – não só em termos de valores, mas de normas claras e precisas.

Temos uma opinião pública mundial, que controla as coisas. De forma que, assim eu acho, estamos caminhando para o melhor, não para o pior.

Dentro desse processo, a legitimidade das intervenções precisa passar pelas Nações Unidas. As intervenções têm de passar pelo Conselho de Segurança. A gente pode dizer que não é um sistema perfeito – e não é, de fato –, mas é o sistema de que dispomos, e já é o produto de um enorme trabalho de um século. Nasceu com a Liga das Nações, após aquela absurda Primeira Guerra Mundial. Fortaleceu-se após outra absurda Segunda Guerra, que era continuação da Primeira. Diziam, durante a II Guerra do Iraque, que a ONU ficaria desmoralizada. Ora: a ONU não tem capacidade de impedir uma guerra. Ela nem tem Forças Armadas para isso, evidentemente. Eu dizia: “A ONU vai sair fortalecida dessa guerra! Como os EUA vão se enfraquecer politicamente (porque não tiveram o apoio da ONU), perceberão, com isso, que o apoio da ONU é fundamental.” E foi exatamente isso o que ocorreu. Eu estou absolutamente convencido – e acho que o governo americano hoje admite isso – de que a ONU saiu fortalecida desse episódio.

***“O mundo é cada vez mais ordeiro. Ainda que tenhamos o problema do terrorismo, que é preocupante, temos muito mais democracias hoje do que tínhamos no passado. Temos um sistema global muito mais integrado – não só em termos de valores, mas de normas claras e precisas. Temos uma opinião pública mundial, que controla as coisas.”***

**Qual o principal desafio para o Brasil se alinhar àquelas nações que têm, hoje, poder de decisão global?**

O desafio fundamental do Brasil é retomar o desenvolvimento nacional. No nível internacional, será muito bom que participemos do Conselho de Segurança da ONU, será bom para a ONU, será bom para o mundo. Mas o nosso problema fundamental é articular uma estratégia nacional de desenvolvimento. O Brasil está há muitos anos com a sua economia crescendo muito lentamente, quase estagnado em termos de renda por habitante. Para que nós nos desenvolvamos, é crucial que tenhamos uma estratégia nacional, que nós pensemos com a nossa própria cabeça, que nós realmente tenhamos como objetivo fundamental não o de combater a inflação (que já está sob controle), mas o de aumentar a capacidade de investimento empresarial, melhorar a qualidade de nosso Estado para que se possa fortalecer o mercado e a economia nacional. Eu acho que esse é o grande desafio nosso. Quem sabe não conseguimos realizá-lo?